Resenha crítica

Livro: O Espírito Santo

Autor: Sinclair Ferguson.

Aluno: Dárcio Dias Gonçalves.

O autor inicia sua obra nos dizendo que o Espírito Santo não foi esquecido em boa parte dos últimos séculos, como alguns afirmam, e teve um ressurgimento no século 20. E nos fala que isso não é verdade, e é na realidade um erro histórico, ele lembra Calvino, Owen e Kuyper como autores que trataram da obra do Espírito, e afirma que o Espírito e sua doutrina pode ser desconhecido, mas não esquecido. Ferguson deixa bem claro de onde Ele(o Espírito) é parte, que é do Canon da Escritura, o qual ele tem como palavra de Deus e como único fundamento confiável para construir teologia sobre o Espírito Santo. Nos dias de hoje, temos muitos livros nas prateleiras das livrarias falando sobre o Espírito Santo, temo em dizer que isso evidencia mais a nossa ignorância sobre o assunto do que do nosso saber, um vasto numero de livros sobre o Espírito que na sua maioria (vários deles eu li) partem da experiência pessoal do autor, ou de terceiros para tratar a obra do Espírito. Então como o começo é errado se torna inevitável o erro completo, há no Brasil poucos livros bons sobre esse assunto.

O que é o Espírito Santoi? - indaga o autor. Sua resposta é que o Espírito é visto como distante e impessoal, e suas definições são carentes, até por isso é claro o esforço de Ferguson para escrever algo que abençoe os cristãos. Ele mostra que a ideia do Espírito no Antigo testamento é de poder. O Espírito Santo sempre esteve envolvido em todas as obras divinas, isso desde a criação, Ele estava pairando sobre tudo. Aqui deve iniciar e se desenvolver a pneumatologia, pois ela é progressiva, essa é a ideia do autor e creio estar correta. A Escritura não informa de maneira detalhada a obra do Espírito na criação, mas Ele está como executor da poderosa presença de Deus e na administração da ordem criada, o autor afirma que qualquer teologia bíblica do espírito deve compreender e reconhecer o caráter progressivo e cumulativo da revelação histórica. A obra do Espírito no A.T estava extremamente ligada a renovação da natureza moral e espiritual. O autor afirma que desde o A.T o Espírito Santo é o executor da atividade salvífica de Deus. O Espírito dirige o povo de Deus no A.T, e Ele vai sendo revelado progressivamente, a ânsia em ver mais disso é notável em vários personagens do A.T. Em Joel 2 tem o seu ápice, e o que o autor deixa claro é que para Ele não conhecemos mais do Espírito por causa de Cristo, mas conhecemos muito mais, ou seja, temos luz, clareza e revelação sobre o Espírito em Cristo, pois no N.T a deidade do Espírito se torna clara.

No capítulo 2 o autor defende que Cristo em seu discurso, em sua despedida fala sobre a vinda do Espírito, em João esse é o principal ensino sobre o Espírito, que foi feito por Jesus. O Espírito em João é testemunha e o advogado que testifica de Cristo, o Espírito e os apóstolos tem a mesma missão testificar de Cristo. A união de Cristo e o Espírito está por todo ministério de Cristo, desde o nascimento até a consumação. O autor deixa claro que ter Cristo é ter o Espírito Santo, é impossível ter Cristo sem o Espírito. No capítulo 3 o autor fala do ensino de Jesus aos seus discípulos sobre o poder do Espírito, o autor evidencia que o pentecoste é a transição para o novo pacto a inauguração de uma nova era. O autor nos mostra que há dois relatos do pentecoste, o Lucano e o Joanino, o evangelho de João nos leva para um enfoque teológico sobre a fé e o receber o Espírito, já Lucas possui interesse histórico redentivo na vinda do Espírito. O autor mostra a visão Lucana do pentecostes e afirma que não há o mesmo de João. Particularmente, percebi nesse capítulo uma certa dificuldade do autor em deixar mais claro a sua ideia sobre a visão Lucana e Joanina.

No 4º capítulo, o autor diz que o pentecostes deve ser interpretado com evento cristologico e que a doutrina do Espírito deve ser vista dessa forma, ele faz uma pergunta: - o pentecoste contém implicações de continuidade para a vida da igreja? Ele começa respondendo que na experiência progressiva dos discípulos isso não tem parâmetro para a Igreja, pois eles viveram em duas épocas distintas, por isso é singular a experência deles. Sobre a descida do Espírito em atos 8, 10, 19 mostra o cumprimento das palavras de Cristo através do Espírito, o autor diz que deve ser interpretado de maneira Cristologica. Então existe duas dimensões para o pentecostes, a histórica-redentiva e a pessoal, a primeira deve ser vista de maneira que acontece uma única vez, e não torna a se repetir, enquanto a segunda é uma obra contínua de santificação que nos molda a pessoa de Cristo. No 5º capítulo Ferguson fala do Espírito como espírito de restauração que devolve a ordem, e sua função é escatologica, inaugura um novo tempo ou uma nova era, o Espírito transforma as pessoas, governa a Igreja de Cristo e trás esse novo tempo. Inaugura esse novo tempo que se completará na volta de Jesus, então o autor destaca uma pergunta: de que forma traçaremos os passos e movimentos do Espírito? Então nos é apresentada a discussão histórica da teologia sobre a ordem da salvação, como alguns entusiastas (chama Ferguson) acham que se gastou muito tempo com isso, ao tempo que ele acha extremamente necessária a discussão. A ordem de salvação seria nossa união com Cristo Jesus, porque nessa união somos justificados, adotados, santificados e seremos glorificados, Cristo é nosso parceiro pactual e é o Espírito que nos une a Ele. Ferguson aborda a questão da força das preposições, por, com e em Cristo, sendo que essa união com Cristo pode ser vista de 3 maneiras diferentes o eternal, o encarnacional e o existencial. O termo em Cristo para Paulo resume o “ser cristão”, estar em Cristo significa que a vida do Cristão é mais determinada por aquilo que fez Adão. Isso tudo nos traz serias implicações. A obra do Espírito é nos unir a Cristo, a vida da carne não é mais dominante nos eleitos e a nossa união com Cristo se baseia na união com nossa humanidade.

No capítulo 6, o Espírito é apresentando como recriador, ou seja , o Espírito nos ingressa em uma nova criação, a união do seu povo é tudo aquilo que foi prefigurado no A.T se cumprindo na Igreja. Somos totalmente envolvidos na sua morte, ressureição e ascensão, assim se cumprindo a promessa de Deus que daria um novo coração ao seu povo, ele mostra o falso entendimento e correlação de batismo com regeneração como alguns entendiam, que sem batismo sem regeneração. Mas, que isso é um equívoco grande, pois o novo nascimento é simbolizado no batismo, o novo nascimento é obra do Espírito que opera por meio da fé. Ele aborda o que é ser carne para Paulo que é estar alienado de Deus e de sua obra, deixando clara a impotência humana. Ele faz uma pergunta: o que é regeneração? A resposta é que é a iluminação espiritual e conhecer o reino de Deus, regeneração também é libertação da escravidão do pecado, o homem regenerado vem para a luz pois não consegue recusar a ela, regeneração também é purificação. Como o Espírito efetua o novo nascimento? Mais uma pergunta de Ferguson, que ele explica muito bem, nós vemos os efeitos dessa obra, mas naõ conseguimos ve-la acontecendo, é uma ação monergistica mas isso não quer dizer que ignora o homem, o ser, o individuo muda a mente pelo agir do Espírito e se apega a Cristo completamente, a fé como um dom. Aqui Ferguson mostra a tensão entre soberania de Deus e a responsabilidade do homem, duas verdades que caminham em paralelo, Deus não crê por nós, nós cremos, mas fazemos isso por sua graça que nos capacita a crer, uma explicação muito boa de Ferguson dando luz a soberania e responsabilidade, somos salvos por Cristo através da fé, assim resume ele. Para Ferguson arrepender e crer andam juntos, as vezes a Escritura diz só crer outras só arrepender, mas o que quer dizer é os 2 unidos, pois não devem ser separados. A fé sempre será penitente, e o arrependimento sempre crente. Gostei muito dessa clareza de explicação de Ferguson, pois elimina muita discussão, e trás em minha opinião luz clara sobre o assunto. Arrependimento é reconhecer que estão debaixo do juízo divino, e leva ao afastamento do pecado, para Ferguson a fé e o arrependimento são aspectos da vida cristã não somente inicial da vida cristã, mas são características e frutos do ministério contínuo do Espírito santo sobre os cristãos.

O capítulo 7 o autor defende que o alvo da ação do Espírito é nossa transformação à imagem de Cristo, através da santificação por isso o capítulo é sobre santidade, o alvo último é glorificar a Deus, se parecer com Cristo e o alvo central da santificação. Ferguson começa do ponto chave: a queda do homem, com essa ruína que o homem se encontra ele está perdido, o homem perdeu o privilégio de refletir a glória de Deus por causa do pecado, e a solução é a santificação através do Espírito, ou seja, ser restaurado a imagem, de maneira que possamos glorificar a Deus. Para Ferguson nossa união com Cristo é a base para a santidade, na conversão o domínio do pecado foi desfeito, pois participam da morte de Cristo e de sua ressureição, mas ao mesmo tempo existe uma tensão entre a nova criatura, e as marcas da queda que ainda permanecem até a glorificação, o autor explica o capítulo 7 de Romanos mostrando a luta paulina contra a carne e que essa tensão haverá até a consumação de nossa salvação na volta de Jesus ou em nossa morte, quando o a presença do pecado será tirada. Conformar-nos a Cristo é o alvo do trabalho do Espírito em nós, mas haverá muitos obstáculos e muito labor, isso defende o autor, eu particularmente gostei muito da explicação dele sobre essa tensão, e a explicação de Romanos 7, essa luta mostrada por Ferguson, pois ele deixa claro que a graça reina e não são duas forças iguais.

No 8º capítulo Ferguson discorre que a vida cristã tem como característica a comunhão do Espírito, os cristão são exortados a viverem de fato essa realidade de comunhão com o Espírito.

O capítulo 9 o autor aborda com Cristo por meio do Espírito Santo, o Espírito tras os cristão a uma vida de comunidade e não de isolamento, mas ele não adentra o assunto com profundidade, o que acho que fica faltando, seri ótimo se ele tivesse esmiuçado isso no livro. Ele foca na linguagem de Paulo quando o assunto é comunidade, um assunto secundário, e então ele entra no assunto da ceia e batismo, para Paulo o Espírito é visto como instrumento e não agente, trazendo o testemunho de Cristo, na ceia nos unimos a Cristo em uma união hipóstática, isso pelo poder do Espírito Santo.

O capítulo 10, fala sobre como os dons Espirituais tem sido mais utilizados para debates do que para servir a Igreja, explica o autor o que ele está certíssimo, se ele soubesse a realidade brasileira afirmaria com mais convicção, para Ferguson o ministério da palavra tem grande valia para o uso correto dos dons, se o púlpito fracassa certamente a utilização dos dons fracassará também, ele cita os dons e estranhamente cita o dom de cura junto com o apóstolo, profeta, evangelista, pastor e mestre, o que parece que ele se esqueceu, depois ele aborda sobre a continuação dos dons ou que talvez eles cessaram, ele foca o dom de linguas e profecia mostrando que não possuem continuidade, mostra de maneira longa uma tese de Grudem para depois dizer que ele está muito equivocado. Ele gasta um tempo para falar da continuação dos dons, que existe não ter evidências dessa continuação e depois gasta um tempo maior para mostra a cessação, acho que ele poderia ser mais bíblico e abordar menos só a experiência, mas realmente para um publico pentecostal mostrar a falta de evidencia de verdadeira experiência sempre os abala mais do que ser só bíblico, na cessação dos dons senti que poderia ter embasado biblicamente muito mais também, mas mesmo assim gostei de sua explicação e realmente nenhum crente pode dizer que Deus não está agindo no mundo.

No capítulo final o autor encerra o livro anunciando a obra começada e falando que essa obra será terminada é uma proclamação o capítulo, o autor fala que é o Espírito que nos conduz a glória e a cria em nosso interior e que receberemos de fato um novo corpo espiritual e o Espírito é o agente transformador.